

**Lembrar a maternidade:
alguns nexos entre memória, narrativa e experiência materna
Remembering motherhood:
some connections between memory, storytelling and mother experience**

Gabriela Dal Bosco Sitta¹

Unicentro

Resumo: Este texto parte dos prefácios dos livros de memórias *The mother knot*, de Jane Lazarre (1976), e *A life's work: on becoming a mother*, de Rachel Cusk (2001), para indicar alguns nexos entre a narração da experiência materna e as noções de memória e narrativa como apresentadas por Walter Benjamin (1994, 2012) e Jeanne Marie Gagnebin (1994, 2009). Aqui, as chaves de leitura e os apontamentos encontrados nesses prefácios são trabalhados como fios soltos que, se alinhavados e cosidos, ajudam-nos a compreender melhor em que consiste a rememoração e a narração da experiência materna na literatura das últimas décadas. Procuramos mostrar que, quando as mães narram tal experiência, está em jogo tanto uma esfera pessoal quanto uma coletiva, pois é na continuidade das narrativas femininas sobre a maternidade que a tradição mesma dessas narrativas se atualiza. Ademais, assinalamos a relevância das noções de circularidade, nó, lembrança e esquecimento na construção das narrativas maternas analisadas.

Palavras-chave: maternidade; memória; narrativa; experiência; livros de memórias.

Abstract: Based on the prefaces of two memoirs written by mothers, Jane Lazarre's *The mother knot* (1976) and Rachel Cusk's *A life's work: on becoming a mother*, this essay points out some connections between the narration of mother experience and the notions of memory and storytelling as exposed by Walter Benjamin (1994, 2012) and Jeanne Marie Gagnebin (1994, 2009). Reading keys and remarks found on the prefaces are exploited as loose threads which, if properly sewed, help us to better understand the recollection and narration of maternal experience in the literature of the last decades. As we try to indicate, when mothers narrate their experience, a personal as well as a collective realm is at stake: it is in the continuance of women stories about motherhood that the tradition of these narratives is updated. In addition, we emphasize how notions such as circularity, knot, memory and forgetfulness are important to the memoirs analyzed.

Keywords: motherhood; memory; storytelling; experience; memoirs.

Submetido em 1 de junho de 2021.

Aprovado em 04 de agosto de 2022.

Introdução

Em um artigo sobre a recepção de seu livro de memórias *A life's work: on becoming a mother*, a escritora Rachel Cusk menciona uma série de críticas negativas recebidas pela obra logo após a sua publicação. Uma delas, que Cusk (2008) classifica

¹ Pesquisadora na Unicentro. E-mail: gabriela.sitta@gmail.com

como “curiosa”, questionava a extensão das suas sentenças: como uma mãe poderia ser capaz de escrever frases tão longas e complicadas?

Em *A life's work*, publicado originalmente em 2001, Rachel Cusk narra os seus primeiros meses como mãe com honestidade e ironia: o leitor muito apegado ao que Badinter (1980) chama de “mito do amor materno”, para o qual a mãe é instintivamente bondosa e masoquista em favor de seus filhos, certamente se decepciona com a obra. Cusk foi acusada, por exemplo, de ter ódio às crianças e de ser egoísta e “intelectual demais” (CUSK, 2008). Em meio a críticas como essas, cujo foco é menos a obra e mais o sujeito por trás dela, o comentário sobre a extensão das sentenças da autora parece mesmo curioso. Mas, se algumas das frases de Rachel são longas e utilizam uma sintaxe sofisticada, ela não está sozinha: Proust, o memorialista por excelência, também recorria a sentenças que se desdobravam ao longo de muitas linhas, costuradas por inúmeros pontos e vírgulas, parênteses e travessões.

Gagnebin (1994, p. 15), que trata da obra de Proust a partir da análise de Walter Benjamin, pontua que o escritor francês realiza “a proeza de reintroduzir o infinito nas limitações da existência individual burguesa”, um infinito que se deixa entrever tanto no comprimento das frases quanto na extensão da obra, os sete volumes que compõem *Em busca do tempo perdido*. No caso de Cusk, talvez possamos relacionar suas frases, assim como a organização temporal de *A life's work*, tanto ao trabalho da memória quanto à temporalidade da experiência materna como a autora a entende: no período descrito no livro, “o tempo parecia mais andar em círculos do que em qualquer ordem cronológica”² (CUSK, 2003, n.p., tradução nossa).

Rachel descreve essa circularidade do tempo materno nas páginas que utiliza para introduzir seu livro de memórias, nas quais ela também se esforça para explicar o contexto em que a obra foi escrita e o seu intuito ao escrevê-la. Aqui, interessa-nos observar com atenção tais páginas introdutórias a fim de traçar relações entre a experiência da maternidade, a sua retomada por meio da memória e a sua narração. De que vale, afinal, nos termos de Benjamin (2012, p. 11), recompor fragmentos remotos para apreender o passado da experiência da maternidade “como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento”? Nessa empreitada, analisaremos, além das páginas de Cusk, trechos dos dois prefácios que compõem a edição de 1997 de *The*

² “time seemed to go round in circles rather than in any chronological order”.

mother knot, publicado originalmente em 1976 pela escritora norte-americana Jane Lazarre (em alguns momentos, também nos valeremos dos trechos das obras em si). Assim como *A life's work*, *The mother knot* é um livro de memórias sobre a experiência de uma mãe de primeira viagem. Em especial, ambas as obras têm em comum uma abordagem desmitificada da experiência da maternidade: tanto Cusk quanto Lazarre põem em primeiro plano as angústias e dúvidas que perpassam a gestação, o parto e os primeiros meses e anos de uma mulher como mãe.

1 Maternidade como experiência que se passa adiante

The mother knot foi um dos primeiros livros escritos por mães a problematizar a experiência da maternidade e o mito do amor materno. No mesmo ano de sua publicação, 1976, Adrienne Rich, outra norte-americana, publicou *Of woman born: motherhood as experience and institution*, também escrito da perspectiva de uma mãe que discorre sobre a maternidade a partir da crítica aos valores comumente associados à relação mãe-filho. Depois dessas obras seminais, diversas outras foram publicadas (tanto ficcionais quanto memorialísticas), entre as quais a de Cusk é um exemplo.

No prefácio de 1976 de *The mother knot*, Lazarre dizia que era raro encontrar descrições da experiência da maternidade elaboradas por mães — “a maior parte do que lemos sobre maternidade descreve as mães do ponto de vista dos filhos”³ (LAZARRE, 1997, p. xvi, tradução nossa) —, o que acabava contribuindo para a perpetuação do mito do amor materno, o qual, de acordo com Lazarre, não é de todo precipitado, mas deixa de fora metade da verdade. Para a autora, a maioria das mães não é como a mãe do mito; todavia, a sua experiência não é descrita. Logo, Lazarre (1997, p. xvii, tradução nossa) faz um apelo:

[...] nós temos que começar do começo — a fim de falar como as coisas realmente são. Só desse modo podemos esperar mudar as conclusões e teorias que sempre pairam nas fronteiras da nossa experiência, demandando que sacrifiquemos nosso autoconhecimento à sua visão preestabelecida da verdade.⁴

³ “most of what we read about motherhood are descriptions of mothers from the points of view of the children”.

⁴ “[...] we have to begin from the beginning — to speak about what it is really like. Only in this way can we hope to change the conclusions and theories which always hover on the edge of our experience, demanding that we sacrifice our self-knowledge to their established vision of the truth”.

Para a Jane Lazarre que escrevia em 1976, então, relembrar seus primeiros momentos como mãe consistia em reivindicar um lugar entre os discursos circulantes sobre a maternidade, um espaço em que o autoconhecimento da mãe prevaleceria sobre as perspectivas preestabelecidas. Esse trabalho de memória, para além de ser um projeto pessoal, que gira em torno da experiência íntima de Lazarre como mãe, assume uma dimensão coletiva e pública na medida em que a autora propõe uma busca e um aprofundamento não tanto da lembrança, como fez Proust, mas da própria constituição da figura da mãe.

Discorrendo sobre a obra de Proust, Gagnebin (1994, p. 15) afirma que “o caráter desesperadamente único” da experiência vivida do autor (*Erlebnis*) “transforma-se dialeticamente em uma busca universal: o aprofundamento abissal na lembrança despoja-o de seu caráter contingente e limitado que, em um primeiro momento, tornara-o possível”. Essa mesma relação, quando aplicada a *The mother knot*, nos mostra que, se a princípio a experiência contingente e limitada de Lazarre possibilitou a escrita do livro, posteriormente é a grande experiência coletiva (*Erfahrung*) que está em jogo. O narrador de Benjamin (1994, p. 201) “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Nisso ele se opõe ao romancista, que se segrega, “que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los”. Logo, o narrador é capaz tanto de dar conselhos práticos quanto de integrar a sua experiência àquela de seus ouvintes/leitores; daí que seja possível pensarmos tanto em Lazarre quanto em Cusk como mães narradoras, as quais inserem suas perspectivas na corrente de discursos circulantes sobre a maternidade.

Ainda no prefácio de 1976, Lazarre (1997, p. xvii, tradução nossa) descreve seu texto como uma história. Diz ela: “Esta é a história do período inicial de crise na maternidade experienciado por uma mulher”.⁵ Ora, contar uma boa história exige mais do que conhecê-la: Ulisses, assinala Gagnebin (2009, p. 36), transforma-se em um grande aedo (lembramos que ele conta sua história ao rei Alcino na corte dos feácios) não apenas “porque se envolve em diversas aventuras e provações, mas também porque ele sabe rememorar-las”. O trabalho da memória é também uma empresa contra o esquecimento, ainda que este seja necessário para que aquela resista: não se pode lembrar de tudo, ou

⁵ “This is the story of the first period of crisis in motherhood experienced by one woman”.

corre-se o risco de não esquecer o que, se lembrado, impediria que continuássemos vivendo.

No caso das mães narradoras que nos interessam aqui, esse jogo entre lembrança e esquecimento é crucial: Cusk (2003), por exemplo, em dado momento se sente aliviada porque seu corpo *perdeu a memória* do nascimento da filha; já Lazarre (1997, p. 18, grifo e tradução nossos), quando grávida, sente-se incapaz de reescrever seu romance pois “essa tarefa demandava disciplina e atenção, duas habilidades que recuavam cada vez mais para dentro dos *domínios da memória*”.⁶ Ao que tudo indica, aventurar-se nos domínios da memória a fim de recuperar o que se deseja, ou mesmo a fim de impedir o ressurgimento de lembranças dolorosas ou indesejáveis, não é tarefa fácil.

Embora no prefácio de *The mother knot* publicado em 1976 Jane Lazarre já apontasse para a necessidade de existirem narrativas sobre a maternidade escritas por mães, no segundo prefácio à obra, datado de 1997, a autora dá um passo adiante ao defender que

Enquanto tivermos filhos e os criarmos — tanto bem como mal, como devemos —, a história da mãe narrada em sua própria voz precisará ser contada e recontada. Teremos de romper o silêncio e rompê-lo novamente na medida em que tentamos nos tornar mais reais para nossos filhos e, ao mesmo tempo, tentamos compreender mais profundamente a sociedade e a nós mesmas (LAZARRE, 1997, xvi, tradução nossa).⁷

Nas entrelinhas, a autora insinua que a memória das mães — e sua narrativa, sua história — é insubstituível. Ainda assim, o que move o resgate das memórias da maternidade, que Jane considera a paixão central da sua vida, é o mesmo que impulsiona qualquer escritor a se debruçar sobre uma página em branco a fim de dissertar sobre suas paixões: “para nomeá-las com mais precisão, para entendê-las, para compartilhar sentidos com os outros, para usar a própria vida a fim de entendê-la em si mesma”⁸ (LAZARRE, 1996 *apud* LAZARRE, 1997, xvii, tradução nossa).

⁶ “that task demanded discipline and attention, two abilities which were more and more retreating into the *realms of memory*”.

⁷ “As long as we have children and raise them — both badly and well, as we must —, the story of the mother in her own voice will have to be told and retold. We will have to break the silence and break it again as we try to become real for our children and, at the same time, come more fully to understand our society and ourselves”.

⁸ “to name them more accurately, to understand them, to convey meaning to others, to use one's own life to think about life itself”.

Para Lazarre (1997, p. xviii, tradução nossa), “parece que mesmo as histórias mais familiares e repetidas precisam ser continuamente revisadas”,⁹ tarefa que implica lembrar, recontar e recombina r histórias continuamente, no trabalho infinito — como as frases de Proust — de apreender o passado a cada recorrência do presente, iluminando dialeticamente o que já passou com a luz da novidade. A narrativa, diz Benjamin (1994, p. 205), “não está interessada em transmitir o ‘puro em-si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. É na continuidade das narrativas femininas sobre a maternidade que uma tradição se constrói; com as marcas deixadas pelas palavras de cada mãe, as gerações que se sucedem passam adiante a história que ouviram, deixando nelas um pouco de si. Em outros termos, podemos afirmar, com Benjamin (1994, p. 213), que “numa narrativa a pergunta ‘e o que aconteceu depois?’ é plenamente justificada”, e não apenas no que diz respeito ao âmbito dos eventos de um enredo, mas também devido às atualizações pelas quais uma história passa ao ser recontada sucessivamente.

Na esfera das narrativas sobre a maternidade, Rachel Cusk foi, em certa medida, o que aconteceu depois de Jane Lazarre. Isso pode explicar por que, enquanto Cusk (2003, n.p., tradução nossa) se debate com “a suspeita sombria de que um livro sobre maternidade não desperta um verdadeiro interesse em ninguém, exceto em outras mães”,¹⁰ uma das preocupações mais significativas de Lazarre (1997, p. xviii, tradução nossa) é o aprendizado da “linguagem de uma voz materna”.¹¹ Afinal, as escritoras, embora compartilhem o interesse pela temática da maternidade e se proponham a destituir a imagem da mãe como uma mulher acolhedora, bondosa e masoquista, pertencem a gerações distintas (ainda que bastante próximas).

De 1976 a 2001, quando Rachel Cusk lança seu livro, uma série de textos sobre a maternidade chegou às livrarias, como bem destaca Lazarre em seu prefácio de 1997. É compreensível, portanto, que Lazarre reitere, nos dois prefácios à sua obra, a necessidade de as mães assumirem a voz narrativa dos textos sobre a maternidade; e que Cusk, por sua vez, tenha preocupações mais condizentes com o período em que se torna mãe e escreve: em grande medida, ela é herdeira das conquistas da geração de mulheres que

⁹ “even the most familiar, often told stories, it seems, must continually be revised”.

¹⁰ “the gloomy suspicion that a book about motherhood is of no real interest to anyone except other mothers”.

¹¹ “language of a mother's voice”.

participou da segunda onda feminista, tendo portanto maior repertório e mais segurança para escrever sobre a sua experiência com a maternidade; ela não se preocupa em reivindicar um espaço para sua voz de mãe nem convoca outras mães a escreverem sobre suas experiências, como faz Lazarre.

Um exemplo que ilustra com precisão os caminhos tortuosos que as narrativas percorrem ao longo do tempo e das gerações é apresentado pela historiadora Janaína Amado (1995). Enquanto realizava entrevistas como parte de sua pesquisa sobre uma revolta ocorrida em Goiás, ela se deparou com um personagem singular, que terminou por alcunhar de “o Grande Mentiroso”. Esse sujeito, que concedeu a Amado (1995, p. 126) “tudo o que um historiador poderia desejar de uma primeira entrevista de pesquisa”, narrou a revolta goiana com detalhes envolventes e conhecimento de causa, entreitando a pesquisadora por, ao todo, 16 horas. Contudo, quando Amado mais tarde retomou a entrevista e comparou-a com outros depoimentos e informações colhidos, surpreendeu-se: grande parte do que o entrevistado dissera não batia com o restante dos dados. Ela diz: “quase nada [...] podia ser comprovado; ao contrário, quase tudo podia ser posto em dúvidas ou, simplesmente, negado. Alguns episódios citados por Fernandes realmente haviam acontecido, porém em outros contextos e épocas” (AMADO, 1995, p. 126).

Decepcionada com o desfecho do caso, Amado deixou a entrevista engavetada e só voltou a ela ao final da pesquisa, quando, ao ouvir a narrativa novamente, descobriu-se intrigada: a história contada pelo Grande Mentiroso, embora não fosse aquela da revolta estudada, parecia-lhe familiar. Foi então que a pesquisadora percebeu que o entrevistado recriara, em seu depoimento, o enredo de *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. Convencida de que havia algo além de mentira por trás da entrevista, Amado se pôs a pesquisar e descobriu uma relação íntima (iniciada no século XVIII) entre os goianos e a história de Dom Quixote, que sobrevivia nos causos compartilhados pela população e era constantemente recontada e associada a episódios históricos da região. No trecho a seguir, ela indica como se dava a contação da história de Quixote em terras goianas — um cenário que remete àquele descrito por Benjamin em “O narrador”:

Não apenas Fernandes [o Grande Mentiroso], mas boa parte da população do município de Uruaçu, nascida antes de 1950, conhecia o Quixote; muitos lembraram-se de ter escutado a história, ou parte dela, contada por alguém mais velho. Se alfabetizado, o “contador de histórias”, sentado sobre um banco, na calçada ou na praça, lia o livro para uma roda de atentos ouvintes, gente variada: crianças e adultos,

homens e mulheres, lavradores, comerciantes, vaqueiros... Se analfabeto, o “contador” narrava o que sua memória guardara e selecionara do que ouvira da história original. Nos dois casos, a plateia participava ativamente, tecendo comentários, divertindo-se, indignando-se, emocionando-se e, o que era frequente — e, para nosso estudo, particularmente significativo —, relacionando as passagens às próprias histórias de vida (AMADO, 1995, p. 129).

Embora não cite Benjamin, ao final de seu artigo, Amado reflete sobre a memória de um modo que remete às noções sobre o tema apresentadas pelo filósofo alemão. Ela pontua que a história e a memória da revolta estudada são distintas, mas interdependentes: as memórias “reelaboraram a história da revolta, relacionando-a a outros elementos e emprestando-lhe significados tão novos que, das lembranças, brotou uma outra história” (AMADO, 1995, p. 132). Amado (1995, p. 132) ainda sustenta que as memórias são constituídas “de episódios e sensações que vivemos e que outros viveram”; há, nas voltas que a memória (nos) dá, a incorporação de experiências alheias, transmitidas pelos mais diferentes meios. É nesse mesmo sentido que consideramos produtivo refletir a respeito das memórias maternas de Lazarre e Cusk; isto é, ao incorporar suas experiências à corrente de discursos sobre a maternidade, ambas as escritoras modificam os discursos circulantes sobre as relações entre mães e filhos. Se o que elas lembram e passam adiante contraria o que vinha se perpetuando a respeito do amor materno, é essa nova perspectiva — inserida, entre outras mulheres, por elas — que será passada adiante às gerações seguintes de mães, qual “a marca da mão do oleiro na argila do vaso” de Benjamin.

Jane Lazarre, no prefácio de 1976, afirmava acreditar que suas próprias experiências poderiam se equiparar às de outras mulheres, inclusive auxiliando-as a se desvencilhar dos padrões que oprimem as mães por meio da “mística da maternidade”. Posteriormente, no prefácio de 1997, ela analisa o seu empreendimento em *The mother knot* mais de 20 anos depois da primeira publicação da obra. Nesse segundo prefácio, como já pontuamos, a autora enfatiza que entre 1976 e 1997 uma série de novos textos escritos por mães problematizaram o mito do amor materno, ajudando-a a entender o sentido do seu próprio trabalho.

Esse contexto a que Lazarre se refere é o da emergência do que se convencionou chamar “segunda onda do feminismo”, marcada por discussões sobre, entre outros temas, a liberdade reprodutiva das mulheres (HIRATA *et al.*, 2009) — embora autoras como Badinter (2011, p. 45) enfatizem que, junto a esse movimento, emergiu uma involução vinculada à ecologia, às ciências do comportamento apoiadas na etologia e a um novo feminismo essencialista, que “se unem para o [suposto] bem-estar da humanidade”. De

qualquer modo, o que nos interessa aqui é que, nessa análise distanciada de Lazarre, ela nos dá pistas para compreendermos melhor o papel da narração, da memória e da escrita na sua obra sobre a maternidade.

No segundo prefácio, Jane Lazarre se apresenta como um sujeito dividido entre a voz de uma mãe e a voz de uma filha, pontuando que um dos temas centrais de *The mother knot* é a busca de uma jovem escritora por sua própria voz, que também é a voz de uma mãe. Mas tal voz não diz respeito apenas à escrita, à voz narrativa; ela abarca o próprio relacionamento de Jane com seu filho — assombrada pelas lembranças da sua própria mãe, que morreu jovem (e que ela julga relapsa), Lazarre precisa sair da posição de filha e assumir a posição, a voz, da mãe de seu filho. Diz ela: “quando releio *The mother knot* hoje, escuto aquela voz, a jovem mulher tentando aprender como ser uma mãe ao mesmo tempo que anseia por uma mãe para si mesma”¹² (LAZARRE, 1997, p. xviii, tradução nossa). O objetivo de aprender a ser uma mãe parece ter sido alcançado, pois Jane também afirma que aprendeu tão bem a linguagem da mãe a ponto de precisar reaprender a usar a voz da filha.

É assim, como um sujeito que aprende continuamente a ser mãe e filha (por meio das memórias que guarda da sua própria mãe, sempre reformuladas a partir do presente), que Lazarre se apresenta em 1997. A linguagem daquela jovem mulher tentando se tornar uma mãe no texto de 1976 é na verdade a sua “língua materna”. Ela explica:

[...] se foi como mãe dos meus filhos que, a princípio, reuni coragem para escrever minhas histórias para o mundo, foi como filha da minha mãe que encarei de frente o terror de pertencer a nenhum lugar e comecei a reencontrar alguns lugares aos quais pertencço. O laço materno se aperta e se afrouxa para mim¹³ (LAZARRE, 1997, p. xviii, tradução nossa).

À pergunta “o que é o laço/nó materno?” — isto é, *the mother knot* —, poderíamos propor uma série de respostas. Em primeiro lugar, a mais óbvia: o nó materno é a unidade que mãe e filho compõem durante a gestação e os primeiros tempos da vida do bebê fora da barriga da gestante. Em segundo lugar, há a noção, em Lazarre (1997, p. 28, tradução nossa), de que, enquanto o bebê mama, o *eu* da mulher se encolhe “em um nó minúsculo,

¹² “when I reread *The mother knot* today, I hear that voice, the young woman trying to learn how to be a mother while she is longing for a mother herself”.

¹³ “if it was as my sons’ mother that I first garnered the courage to write my stories for the world, it was as my mother’s daughter that I looked squarely at the terror of belonging nowhere and began to recover some of the places where I belong. The mother knot tightens and loosens for me”.

ganhando intensidade dentro de um invólucro protetor, afastando-se cada vez mais das mudanças operadas pela criança”.¹⁴ Em terceiro lugar, ainda em *The mother knot*, há a descrição de um nó que “enlaça” a mulher e a mantém presa à maternidade: “‘O nó materno pegou você’, a mãe quase chiou para mim”,¹⁵ escreve Lazarre (1997, p. 147, tradução nossa) ao final do livro, quando apresenta um diálogo entre duas mulheres (ambas partes dela mesma), uma afeita e a outra avessa à maternidade. Já em Cusk (2003, n.p., tradução nossa), o nó/laço materno aparece neste trecho:

Eu tentei desemaranhar o nó de choro e amamentação ao qual a bebê e eu fomos atados. Agora ela chora sempre que não está comendo; e é fisicamente impossível para mim alimentá-la mais. Ao que parece, nos aproximamos de um momento crítico.¹⁶

Isto é, a metáfora do nó é utilizada para designar o liame ou emaranhado de demandas e tarefas no qual mãe e bebê se enleiam — a tensão entre o possível e o impossível da maternidade. Esse emaranhado que conecta “os bebês e suas mães”, para usar uma expressão de Winnicott (2020), Rachel Cusk supõe ser desinteressante a qualquer um que não tenha filhos. Daí que a autora suspeite, como indicado mais acima, que um livro sobre a maternidade não interesse a ninguém exceto às mães: “a experiência da maternidade perde-se quase inteiramente ao ser traduzida para a linguagem do mundo exterior”¹⁷ (CUSK, 2003, n.p., tradução nossa).

Logo adiante, Cusk menciona que, quando se tornou mãe, teve a impressão de que nada havia sido escrito a respeito da maternidade, o que, ela mesma se deu conta, era uma percepção precipitada. Tal impressão seria parte do que a autora define como a incapacidade das pessoas que não tiveram filhos de se inteirar ou se interessar por assuntos que girem em torno dessa experiência. A metáfora que a autora usa para descrever esse desinteresse é a de um som cuja frequência não pode ser capturada pelo ouvido humano; haveria uma espécie de surdez característica: “Na maternidade, a mulher troca sua significação pública por uma série de sentidos privados e, assim como acontece

¹⁴ “into a very small knot, gathering intensity under a protective shell, moving away, further and further away, from the changes being wrought by this child”.

¹⁵ “The mother knot has got you’, the mother almost hissed at me”.

¹⁶ “I attempt to unravel the tangle of crying and feeding in which the baby and I have become knotted up. She is now crying all of the time that she isn’t feeding; I cannot physically feed her any more than I do. We appear to be approaching critical mass”.

¹⁷ “the experience of motherhood loses nearly everything in its translation to the outside world”.

com sons fora de certa frequência, tais sentidos podem não ser facilmente identificados por outras pessoas”¹⁸ (CUSK, 2003, n.p., tradução nossa).

Essas colocações de Cusk têm um quê de ironia, em especial quando se considera que são apresentadas no texto em que a autora introduz seu livro. A impressão que se tem é de que a própria escritora destitui sua obra de importância ou relevância social, na medida em que ela interessa *apenas* às mães. Note-se que esse é um discurso bem distinto do de Lazarre, que incitava as mães a exporem suas visões sobre a maternidade em uma esfera mais ampla. Cusk, porém, chega mesmo a afirmar que três anos antes provavelmente teria se perguntado por que o autor de um livro como o seu haveria se dado ao trabalho de ter filhos se considera a experiência tão ruim. A ironia dá o tom de *A life's work* como um todo; o livro tem trechos muito engraçados, e Cusk parece sempre desconfortável em sua posição de mãe, como se estivesse constantemente deslocada em relação ao papel que supostamente deveria assumir. Por isso mesmo, ela faz questão de afirmar, logo na introdução do livro, que este não apresenta uma história ou um estudo da maternidade nem consiste em uma obra sobre como ser uma mãe: “Eu simplesmente escrevi o que achei da experiência de ter um filho de uma maneira com a qual espero que outras pessoas possam se identificar”¹⁹ (CUSK, 2003, n.p., tradução nossa).

Em suma, portanto, Cusk escreve *A life's work* no intuito de passar adiante a sua experiência relativa à maternidade. Mas é interessante notar que, apesar de a autora desejar compartilhar sua experiência, ela não descreve seu livro como um conjunto de ensinamentos sobre como ser uma mãe (“caso alguém que tenha chegado até aqui ainda alimente essa esperança, este não é um livro sobre como ser uma mãe”),²⁰ tarefa para a qual se considera inapta (CUSK, 2003, n.p., tradução nossa). Ainda assim, há na obra de Cusk, assim como na de Lazarre, uma série de ensinamentos sobre a maternidade — nem mesmo é necessário se aventurar a fundo pelos livros das autoras para se dar conta disso. Na mesma sentença em que afirma ter meramente escrito o que pensou a respeito da experiência de ter filhos, Cusk afirma que descreveu aquilo com que outras mães poderiam se identificar; ora, identificar-se com o outro é também encontrar na experiência dele aspectos que enriquecem a nossa, que tornam mais palatável, menos dolorosa e

¹⁸ “In motherhood a woman exchanges her public significance for a range of private meanings, and like sounds outside a certain range they can be very difficult for other people to identify”.

¹⁹ “I have merely written down what I thought of the experience of having a child in a way that I hope other people can identify with”.

²⁰ “nor, in case anyone has read this far and still retains such a hope, is it a book about how to be a mother”.

eventualmente mais bonita a confluência dos dias (no nosso caso aqui, dos dias passados junto à prole). Daí que possamos falar das memórias sobre a maternidade de Cusk e Lazarre também como narrativas capazes de ensinar, assim como as narrativas do narrador benjaminiano. Elas ensinam às mulheres, talvez mais do que tudo, que a maternidade não se restringe a uma experiência positiva ou ideal: ela é também um trabalho que implica cansaço, dúvidas e insatisfações. A importância da experiência de passar de mulher a mãe fica clara quando Cusk (2003, n.p., grifo e tradução nossos) afirma o seguinte:

Tentei explorar alguns desses problemas neste livro com o objetivo de responder à questão mais ampla do que é *transformar-se de mulher em mãe*. Minhas definições de mulher e mãe permanecem vagas, mas o processo continua a exercer sobre mim um fascínio imenso. É, sem dúvidas, basicamente o mesmo processo de sempre, mas a jornada envolvida é, do meu ponto de vista, *muito mais longa para nós do que foi para nossas mães*.²¹

A jornada da maternidade se complexifica, ganha novos contornos conforme as gerações se sucedem. Afinal, “as mulheres mudaram, mas as suas condições biológicas seguem inalteradas”²² (CUSK, 2003, n.p., tradução nossa). Isto é: embora o corpo feminino continue sendo fundamental à reprodução da espécie, nos últimos séculos, e em especial no século passado, as definições de gênero foram reformuladas, assim como as possibilidades profissionais e pessoais das mulheres, de modo que refletir sobre a maternidade e ter filhos são empreendimentos mais complexos hoje do que para as gerações anteriores. Daí que tenha se tornado tão intensa a produção de textos sobre a maternidade escritos por mulheres nos últimos anos, movimento que Lazarre já notava no seu prefácio de 1997.²³

Ainda no texto introdutório ao seu livro, Cusk trata brevemente do seu desejo de escrever sobre a experiência da maternidade: “Meu desejo de me expressar a respeito do

²¹ “I have tried to explore some of these issues in this book, with the aim of answering the larger question of what it is *to turn from a woman into a mother*. My definitions, of woman and of mother, remain vague, but the process continues to exert on me a real fascination. It is, I don’t doubt, much the same process that it has always been, but the journey involved is, in my view, *far longer for us than it was for our own mothers*”.

²² “women have changed, but their biological condition remains unaltered”.

²³ Esse movimento pode ser exemplificado pelos seguintes títulos: *Com armas sonolentas*, da chilena naturalizada brasileira Carola Saavedra (2018), *Uma duas*, da brasileira Eliane Brum (2011), *O peso do pássaro morto*, da brasileira Aline Bei (2017), *As alegrias da maternidade*, da nigeriana Buchi Emecheta (1979), *Maternidade: um romance*, da canadense Sheila Heti (2018), *A filha perdida*, da italiana Elena Ferrante (2006), *Morra, amor*, da argentina Ariana Harwicz (2012), *O corpo dela e outras farras*, da norte-americana Carmen Maria Machado (2017), e *Argonautas*, da norte-americana Maggie Nelson (2015).

tema da maternidade foi inicialmente intenso, mas ficou submerso sob a superfície reconfigurada da minha vida. Alguns meses depois do nascimento da minha filha Albertine, ele se esvaneceu completamente”²⁴ (CUSK, 2003, n.p., tradução nossa). A palavra *vanish*, que pode ser traduzida como “desaparecer”, “sumir” ou, como preferimos, “esvanecer”, integra o léxico da memória. O termo indica não tanto que o desejo de se expressar tenha ganhado asas e voado: ele foi esquecido, se esvaneceu nos labirintos da memória. Mais tarde, quando o desejo retorna, Cusk sabe que precisa apreendê-lo, então escreve *A life’s work* durante a gestação e os primeiros meses da sua segunda filha, “antes que [o desejo de rememorar e escrever] pudesse *ir embora* novamente”²⁵ (CUSK, 2003, n.p., grifo e tradução nossos).

Esquecer e lembrar são os dois lados de uma mesma experiência narrativa. Como assinala Gagnebin (2009, p. 45), a “tarefa sagrada do poeta épico” consiste em “lutar contra o esquecimento, mantendo a lembrança cintilante da glória (*kléos*) dos heróis, isto é, fundamentalmente, lutar contra a morte e a ausência pela palavra viva e rememorativa”. No caso de Cusk e Lazarre, embora não esteja em jogo a glória dos heróis — o que parece mesmo estar em pauta é a vida não muito gloriosa das mães —, o vínculo entre lembrança e esquecimento permanece, e é preciso evitar que a memória e o desejo de passá-la adiante se esvaíam. Por outro lado, esquecer é também importante, como nos lembra Lazarre, que, a fim de aprender a voz da mãe, precisou deixar de lado a voz da filha, ainda que para recuperá-la mais adiante — em um movimento que lembra o nó materno, o qual, para a autora, tanto aperta quanto afrouxa seu laço. Também é a partir da noção de ciclos que Lazarre descreve, no prefácio da primeira edição de *The mother knot*, a ambivalência da maternidade, único aspecto que lhe parece eterno e natural nessa experiência; tal ambivalência, ela escreve, manifesta-se “nos ciclos contínuos de separação e unidade com nossos filhos”²⁶ (LAZARRE, 1997, xxii, tradução nossa). Ciclos que, como já assinalamos aqui, também aparecem em Cusk (2003, n.p., tradução nossa), para quem “o tempo parecia mais andar em círculos do que em qualquer ordem cronológica”.²⁷

A escrita de memórias sobre a maternidade de Lazarre e Cusk exigem que se crie uma dinâmica com a rememoração: ora é preciso ceder ao esquecimento, ora é necessário

²⁴ “My desire to express myself on the subject of motherhood was from the beginning strong, but it dwelt underground, beneath the reconfigured surface of my life. A few months after the birth of my daughter Albertine, it vanished entirely”.

²⁵ “before it could *get away* again”.

²⁶ “in the ever ongoing cycles of separation and unification with our children”.

²⁷ Ver nota 1.

esforçar-se por lembrar. Mais do que isso, o tempo cíclico e a repetição do movimento do nó materno, que às vezes se afrouxa e às vezes se aperta, parecem apontar para o modo como as autoras compreendem a própria experiência da maternidade. Por um lado, gestar, dar à luz e criar um filho consiste em reiniciar o ciclo da vida mais uma vez; por outro, as próprias demandas que uma mãe atende, em especial nos primeiros meses de seu filho, são cíclicas: alimentar, limpar e ninar são ações que as mães repetem infinitas vezes ao longo de cada dia, como uma espécie de litania cujo efeito encantatório parece ser menos o vínculo com o sagrado e mais a ambivalência e a crise.

Gostaria ainda de apontar mais um aspecto que me parece essencial quando se pensa em livros de memórias escritos por mães. Kamenszain (2000, p. 2) nos lembra da associação entre a escrita e o silêncio, este recorrentemente associado à mulher:

[...] se a oralidade é o maternal por excelência — o seio fala, a boca do filho apre(e)nde —, pode-se dizer que o elemento feminino da escrita é a mãe. Com a mãe se aprende a escrever. Professora de escritores, é ela quem imprime à casa o sem sentido prazeroso da conversa.

A escrita, nesse universo metafórico, conecta a mulher do presente ao passado feminino, marcado pelo espaço da casa, pelo trabalho artesanal da costura, do bordado, da limpeza e da cozinha, “quantas maneiras metafóricas de dizer escrever” (KAMENSZAIN, 2000, p. 2-3). Esse passado feminino dá à escritora os artifícios necessários à costura do texto, tornando-a apta a lidar com o emaranhado de fios que percorrem as frases — e também a memória. Gagnebin (2009), por sua vez, nos lembra de que o termo grego *sèma* significa tanto “túmulo” como “signo”, o que evidencia a relação íntima entre memória, palavra e luto. Escrever memórias é, assim, também um trabalho de luto pelo tempo passado. No caso das mães narradoras, esse luto é em parte pelas mulheres que elas deixaram de ser ao se tornarem (também) mães. Mas, além disso, seja em longas frases proustianas, seja em sentenças breves que condensam os apertos e as distensões do laço materno, a escrita das mães narradoras contempladas aqui talvez esteja empenhada em um luto ainda mais importante: o da mãe idealizada pelo mito, cuja ausência deixa espaço para que cresça, “como uma teia, o imenso texto escrito por mulheres” (KAMENSZAIN, 2000, p. 2).

Conclusão

Para encerrar, talvez seja interessante retomar a pergunta feita no início destas páginas a fim de sintetizar o que viemos sugerindo até aqui. Então, de que vale recompor fragmentos remotos para apreender o passado da experiência da maternidade “como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento” (BENJAMIN, 2012, p. 11)?

No glossário benjaminiano, como nos lembra Gagnebin (2009, p. 59), a palavra “rememoração” tem o sentido “de uma memória ativa que transforma o presente”. Dessa perspectiva, a rememoração que origina as narrativas de Jane Lazarre e Rachel Cusk insere no presente suas primeiras memórias como mães, que são “subitamente iluminadas” no momento da escrita. Como defendemos mais acima, a retomada das memórias da maternidade nesses livros não se dá apenas na esfera pessoal, pois o compartilhamento das experiências — por meio da narrativa — insere-as em uma tradição, uma corrente de discursos circulantes. E, ao serem apreendidas (por leitores ou pelas próprias autoras), tais experiências são a cada vez “iluminadas” de um modo diferente. Daí que Jane Lazarre, por exemplo, escreva um segundo prefácio quando *The mother knot* é republicado em 1997: era necessário atualizar o passado (como formulado no seu livro de memórias) naquele presente.

Juntar os caquinhos do passado da maternidade é, em uma dimensão pessoal, compor a figura de uma mãe. É disso que Lazarre fala quando afirma que precisou aprender a voz de uma mãe; e é também a isso que Cusk se refere ao pontuar que seu maior objetivo é descrever o processo pelo qual alguém se transforma de mulher em mãe. Mas, de outro ponto de vista, reunir os fragmentos desse passado é considerar o que já foi dito e o que ainda é preciso dizer a respeito das tarefas, muitas vezes angustiantes, implicadas na maternidade, como as de gestar, dar à luz e amamentar. Nesse processo, as mães tanto se lembram quanto se esquecem do que foram e do que fizeram: lembram para conhecer melhor a si mesmas e a sua experiência, e esquecem para que seja possível seguir em frente sendo mais mães do que filhas.

Recompor fragmentos remotos para apreender o passado da experiência da maternidade “como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento” vale, com toda a simplicidade e todo o embaraço (lembremos dos fios da memória e da escrita) que tal tarefa pode comportar, para passar adiante a história das mães.

Quando Benjamin (1994, p. 208) traça algumas relações entre as narrativas e a morte, ele destaca que é desta que o narrador obtém a sua autoridade: “suas histórias remetem à história natural”. As mães narradoras sobre as quais tratamos aqui têm tanto a sanção da morte quanto a sanção da vida ao narrar; se por um lado elas estão associadas à tarefa de garantir a perpetuação da vida humana, por outro sua tarefa as aproxima de momentos limítrofes como a gestação e o parto. Além disso, e por fim, no empenho de escrever suas memórias, essas mães deixam-nos signos que são também monumentos — às mães e aos filhos que vieram antes delas, ao seu próprio trabalho e, por que não, às mães do futuro.

Referências

- AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf. Acesso em: 22 maio 2021.
- BADINTER, E. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, W. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 7-20.
- CUSK, R. *A life's work: on becoming a mother*. Nova Iorque: Picador, 2002. *E-book*.
- CUSK, R. I was only being honest. *The Guardian*, 21 mar. 2008. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2008/mar/21/biography.women>. Acesso em: 19 maio 2021.
- HIRATA, H. *et al. Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GAGNEBIN, J. M. Walter Benjamin e a história aberta. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7-19.

KAMENSZAIN, T. *Bordado e costura do texto*. Tradução de Clarisse Lyra. 2000.

Disponível em:

http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Kamenszain_Bordado%20e%20costura%20do%20texto.pdf. Acesso em: 19 maio 2021.

LAZARRE, J. *The mother knot*. Durhan: Duke University Press, 1997.

WINNICOTT, D. *Bebês e suas mães*. Tradução de Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 2020.